



ISSN: 2175-5493

## IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

---

### CRÍTICA À MODERNIDADE POLÍTICA EM NIETZSCHE

Fabício Santiago Almeida\*  
(UFBA)

#### RESUMO

O propósito geral deste artigo é duplo: por um lado, trata-se de empreender a pergunta pelo sentido da noção de “Grande Política” na filosofia de Nietzsche; por outro, procura-se pôr à prova a hipótese de que tal conceito de política retira sua significação mais profunda da idéia de “Grande Estilo”, diretriz artística que, segundo o filósofo alemão, pressupõe um redirecionamento inovador dos estados internos de tensão de nossos impulsos – o que nos impeliria, em princípio, a outras possibilidades de sublimação das energias vitais, já que traz consigo “o desejo de sempre aumentar a distância no interior da própria alma, a elaboração de estados sempre mais elevados”. A partir dessa sublimação, o filósofo espera uma nova forma de política ou, “Grande Política”.

**PALAVRAS-CHAVE:** Nietzsche, “Grande Política”, “Grande Estilo”.

#### INTRODUÇÃO

No estudo da filosofia de Nietzsche, a questão de como ele inter-relaciona seus principais conceitos é central. Qualquer tentativa de interpretação de tal filosofia tem de levar em conta o fato de que o íntimo vínculo que o filósofo estabelece entre arte e política está longe de ser acidental; é, ao contrário, um desdobramento natural de uma série de reflexões a respeito das mais importantes estimativas de valor do homem moderno. Por essa razão, os textos nietzschianos que se dedicam à análise da arte e da política também podem ser caracterizados

---

\* Graduado em Filosofia e aluno regular do mestrado em Filosofia da UFBA. E-mail: fajad@bol.com.br

## IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

---

como um ousado esforço para levar a cabo uma crítica radical à modernidade política e a cultura no ocidente.

Nesse sentido, a política em Nietzsche é vista como uma fórmula de contraposição aos fenômenos de nivelamento da modernidade. Dessa forma, o liberalismo burguês do século XIX, com a sua idéia de universalização e igualdade no plano político e moral, fomentaria no homem moderno o espírito de animal de rebanho. É nesse sentido, aliás, que Nietzsche assevera: “Moral é hoje, na Europa, moral de animal de rebanho” (Nietzsche, 2007a: 89). Mais do que uma simples constatação, o filósofo vê na moderna ideologia do igualitarismo e na crença religiosa da moral cristã a ação de algo mais insidioso, porquanto elas conduziriam a uma diminuição do próprio homem. E, a esse propósito, ele diz ainda: “nós, que consideramos o movimento democrático não apenas uma forma de decadência das organizações políticas, mas uma forma de decadência ou diminuição do homem, sua mediocrização e rebaixamento de valor” (Nietzsche, 2007a: 103). O rebaixamento ao qual o pensador se refere é a nivelção padronizadora do homem e a exclusão das diferenças, características marcantes nos movimentos políticos da modernidade.

A idéia moderna de nivelamento universal não passaria, no fundo, de um projeto em que as energias vitais do homem são ofuscadas em prol do utilitarismo, uma vez que transforma o homem numa peça de engrenagem, fenômeno típico de uma humanidade robotizada. Ou, como afirma Nietzsche:

A tarefa consiste em fazer o homem tanto quanto possível utilizável e, na medida em que isso de algum modo importa, aproximá-lo de uma máquina infalível: virtude de máquina (- ele tem que aprender a sentir os estados nos quais ele trabalha de maneira maquinalmente utilizável como os de supremo valor: para tanto é necessário que os outros [estados OGJ.] sejam tornados tanto quanto possível penosos para ele, tanto quanto



ISSN: 2175-5493

## IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

---

perigosos e suspeitos. ( NIETZSCHE. Fragmento Póstumo. 10 [11] do outono e 1888. 2005, p. 34)

O filósofo alemão também detecta esse tipo de homem ao analisar a educação que está voltada para o tecnicismo da indústria. A seu ver, a educação tomou um rumo nefasto quando o crescimento econômico da Alemanha alcançou, no século XIX, proporções gigantescas na sua produção lucrativa. A Nietzsche interessa, porém, saber de que modo a educação pode mudar a direção da humanidade, não como um milagre, mas com a lucidez da ruptura desse modo de vida uniforme. Ele passa então a conceber uma educação por meio da qual a humanidade consiga buscar e realizar as circunstâncias favoráveis que permitirão o nascimento de grandes homens. Para tanto, o ideal formativo não poderá estar mais vinculado aos interesses que vigoram na moderna sociedade padronizada. “É preciso, sem dúvida,” diz o filósofo, “uma meditação totalmente insólita para desviar o olhar dos atuais estabelecimentos de educação e voltá-lo em direção a instituições completamente estranhas e de outra espécie” (Nietzsche, 1974: 84). Fica patente, com esse argumento, a preocupação do filósofo com um novo tipo de sociedade, que pode ser alcançada a partir de uma nova forma de educação e com um novo tipo de homem.

Lebrun<sup>135</sup> nos lembra que o socialismo utópico também engendra homens a serviço de uma dada uniformidade, condenando-se, ademais, ao “otimismo econômico”. Valendo-se deste último, o comentador francês questiona: “a cegueira dos socialistas para o sentido da própria ação não viria tão somente de que também eles cedem à miragem do ‘otimismo econômico?’ ” (Lebrun, 2006: 46). Porque se fia igualmente num nivelamento identificador, a fórmula socialista é uma utopia que, em termos de sua efetividade moral, não difere tanto da fórmula liberal de igualdade e universalização. Mais até. Propondo-se a definir um estado

---

<sup>135</sup> Cf. LEBRUN, Gerard. *Além-do-homem e homem total*. In: A Filosofia e sua história. 2006, pp. 169 – 198.



ISSN: 2175-5493

## IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

---

atual e não uma condição a longo prazo, o socialismo tampouco poderia prever a igualação de nossa maneira de agir e pensar. A esse respeito, Nietzsche declara: “a degeneração global do homem, descendo ao que os boçais socialistas vêem hoje como o seu ‘homem do futuro’ – como seu ideal! -, essa degeneração e diminuição do homem até tornar-se o perfeito animal de rebanho” (Nietzsche, 2007a: 92).

No fundo, os movimentos políticos modernos trazem em si, segundo o filósofo alemão, o ideal da moral cristã. Não foi diferente com a Revolução Francesa. O seu lema soa tão cristão aos ouvidos do filósofo, quanto o próprio cristianismo. A liberdade é a nivelção gregária e a igualdade é a exclusão das exceções, de sorte que a afirmação das diferenças despertaria o ódio nas pessoas. A fraternidade é o fruto dos ressentidos, com suas frustrações, negatividade e desejo de vingança (Marton, 1990: 145). Ao ponderar sobre esses pilares da modernidade política, Nietzsche julga encontrar, enfim, uma outra versão da moral do ressentimento. Crítico desta última, ele trata então de atacar a imposição do que é uniforme. Tanto é assim que escreve:

Creio que tudo o que hoje na Europa estamos habituados a venerar como ‘humanidade’, ‘moralidade’, ‘humanitarismo’, ‘compaixão’, ‘justiça’, com efeito, pode ter um valor de fachada [...] não é nada além do que o apequenamento do inteiro tipo ‘homem’, sua definitiva mediocrização. (NIETZSCHE. Fragmento Póstumo 2 [13], outono de 1885 – outono de 1886. 2005, p.31 – 32).

A igualdade defendida pela moral cristã ou movimentos políticos modernos é uma noção lapidada a partir de uma idéia astuta e antiga. Desde o princípio dos tempos, a noção de equilíbrio de forças teria regulado as relações humanas numa tentativa dos mais fracos conservarem a própria existência. Vivendo em rebanho, eles poderiam enfrentar os mais fortes; dispendo de forças equivalentes,



ISSN: 2175-5493

## IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

---

estabeleciam a paz em contratos entre si; desse modo, teria surgido a noção de direito ou de justiça. A esse respeito, Nietzsche escreve:

O mais antigo e mais ingênuo cânon moral da justiça, o início de toda “bondade”, de toda “equidade”, de toda “boa vontade”, de toda “objetividade” sobre a terra. Justiça, nesse primeiro grau, é a boa vontade, entre o que tem potência mais ou menos igual, de se acomodarem uns aos outros, de, por meio de um igualamento, voltarem a se “entender” – e, em referência aos que têm menor potência, coagi-los, abaixo de si, a um igualamento. (NIETZSCHE. Genealogia da Moral II, § 8, 1987).

Tendo em vista tal fragmento, pode-se atribuir à relação de direitos e deveres uma representação de forças; a saber, o direito é o poder que os outros reconhecem e permitem conservar, já os deveres são os direitos que um tem sobre o outro. Porém, essa idéia surgiria ou desapareceria a partir das modificações das relações. No fundo, a igualdade entre os homens é apenas uma idéia forjada por aqueles que precisariam somar forças para garantir a existência.

A humanidade nivelada a partir da noção de direito que exclui as diferenças continuaria sendo uma espécie de humanidade de rebanho, contribuindo para o surgimento do último homem, representante da negação das forças. Não por acaso, o filósofo alemão contrasta esse homem com uma espécie superior, isto é, “o homem sintético, somatório, justificador” (Nietzsche, 2005), que pode inventar para si sua forma superior de ser. A esse propósito, acrescenta o filósofo: “o desejo de sempre aumentar a distância no interior da própria alma, a elaboração de estados sempre mais elevados, mais raros, remotos, amplos, abrangentes, em suma, a elevação do tipo ‘homem’” Nietzsche, 2007: 153). É com esse homem, que o autor de Além do Bem e do Mal, vislumbra o futuro da humanidade, ou seja, eles seriam os legisladores do futuro, os que inovam e criam os novos valores.

## IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

---

Com a idéia de “Grande Política”, Nietzsche espera pensar no homem do futuro a partir do ideal de individualidade, pois esse homem pode inventar para si o ideal de capacidade que falta ao homem moderno, assim nos esclarece o filósofo: “Uma nova, formidável aristocracia, construída sobre a mais dura autolegislação, na qual será dada duração por milênios [...], para tomar em mãos os destinos da terra, para esculpir, como artista, no próprio ‘homem’” (Nietzsche, 2005: 35). Para o filósofo alemão, faz-se necessário um inaudito perfil humano de grandeza para alcançar a auto-superação, como fazem os espíritos livres. Mas, a seu ver, esse perfil só poderia ser alcançado através da atividade artística, pois é esta que possibilitaria a chance de se contrapor a toda uniformidade e negação da vida.

A atividade artística que nos permite pensar na possibilidade de uma sublevação frente ao moderno estado de coisas é denominada pelo filósofo “Grande Estilo”, noção que é elaborada no derradeiro período de sua filosofia e que nos leva a perceber que, em seu itinerário intelectual, não há uma noção unívoca de arte. No período de juventude, ao reduzir as obras de arte a uma intuição primeira ou a uma causa inteligível que lhes fosse exterior, são freqüentes às vezes em que se detém na elaboração da assim chamada metafísica de artista, admitindo a arte como uma inspiração genial. No período atinente à elaboração de Humano, demasiado humano, quando depõe contra a idéia de inspiração genial, opta pelo exame atento dos princípios de estruturação das belas-artes, consentindo em ser guiado tão-só pela tecnicidade à base da criação artística. E, por fim, no período de maturidade filosófica – no qual a doutrina do eterno retorno se torna seu pensamento mais abissal -, a arte é, para o filósofo, uma das condições vitais de existência, haja vista que nos impulsiona à sublimação das energias vitais, como nos evidencia o filósofo no apontamento a seguir: “A arte e nada mais que a arte! Ela é a grande possibilitadora da vida, a grande aliciadora da vida, o grande

## IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

---

estimulante da vida. [...] A arte como única força superior contraposta a toda vontade de negação da vida” (NIETZSCHE, 1974, p. 36).

É dessa forma que a arte possibilitaria ao homem uma elevação em detrimento do estado de mediocridade do homem moderno, já que é a partir da atividade artística que o homem se contrapõe a toda negação da vida. Essa é a fórmula dos espíritos livres que se direcionam rumo à auto-superação, sendo que é a partir dela que o filósofo percebe surgir a nova aristocracia do espírito; com esta, o homem teria a capacidade de se reconhecer como individualidade, colocando-se à frente com suas virtudes, ao contrário dos “homens máquinas” da modernidade.<sup>136</sup> É essa característica dos espíritos livres que leva o homem a transfigurar força em beleza, rigor moral em consciência do dever e honestidade intelectual, severidade em doçura e dar à própria vida a bela forma da obra de arte. Nietzsche aponta Goethe como exemplo desse artista.<sup>137</sup> Segundo o filósofo, este soube conquistar o domínio de si sem renunciar à sua natureza, característica do artista do “Grande Estilo”, ou seja, a arte dionisíaca.

Nietzsche, no momento de sua maturidade filosófica, ao implodir a dicotomia entre mundo aparente e mundo verdadeiro, redimensiona a relação entre Apolo e Dioniso, de sorte que o primeiro não se limita a representar a majestade dos traços e das linhas e tampouco o último se restringe à necessidade de transbordamento e excesso. Doravante, o artista deve se submeter aos seus desejos e sua vontade, mas com autodomínio. Ao embelezar a atividade artística e simbolizar o “Grande Estilo”, Dioniso adquire, no limite, as características de Apolo, ao mesmo tempo em que integra os valores clássicos da criação.

---

<sup>136</sup> Esse conceito é utilizado por Nietzsche para indicar os homens que fazem parte de uma esfera robotizada da humanidade. Cf. citação da página 5 deste trabalho. “A tarefa consiste em fazer o homem tanto quanto possível utilizável e, na medida em que isso de algum modo importa, aproximá-lo de uma máquina infalível: *virtude de máquina*”.

<sup>137</sup> Cf. NIETZSCHE, F. “*A Grande Política*” *Fragmentos*. In: clássicos de Filosofia: Fragmento Póstumo, 35, [9], maio-junho de 1885, p 27-28. Cadernos de Tradução nº 3. Tradução de Oswaldo Giacoia Jr. IFCH / UNICAMP, 2002.

## IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

---

É com a arte que o homem se torna capaz de expressar seus impulsos, sendo que estes, ao tomarem a palavra, terminam por destronar o estatuo privilegiado da consciência. Como afirma o filósofo: “ao nosso impulso mais forte o tirano em nós, submete não apenas nossa razão, mas também nossa consciência” (Nietzsche, 2006: 71). É sem a consciência moral impressa pelos valores da modernidade que os impulsos agem no homem, afinal, “o homem para Nietzsche, não é simplesmente um indivíduo, mas uma multiplicidade de impulsos que lutam incessantemente em busca de domínio, cada um desejando impor sua própria perspectiva” (Barros, 2002: 80). O resultado dessa luta se revela no agir do homem. Porém, quando esses impulsos são suprimidos pela moral, a negação da força se manifesta em forma de ressentimento, compaixão ou negação da vida. Essa característica é enfaticamente criticada e denunciada por Nietzsche na religião cristã, tanto é assim que ele escreve: “O cristianismo é chamado de religião da compaixão. – A compaixão se opõe aos afetos tônicos, que elevam a energia do sentimento da vida” (Nietzsche, 2007b: 13). Para o filósofo, essa característica influenciou também os movimentos políticos da modernidade com seus ideais de igualdade e fraternidade. Tanto é assim que na sua principal denúncia contra o cristianismo, ou seja, O Anticristo, Nietzsche afirma: “Nossa política está doente dessa falta de coragem! – O aristocratismo da atitude foi minado, nos mais subterrâneos alicerces, pela mentira da igualdade de almas” (Nietzsche, 2005: 51-52).

Para se contrapor a esse estado “doentio”, o filósofo alemão busca a arte como expressão dos impulsos. A esta, Nietzsche chama na maturidade de “Grande Estilo”. Este se perdeu na modernidade, cedendo terreno aos interesses pressupostos pelo utilitarismo e pelo nivelamento do homem, mas Goethe, segundo o filósofo, soube guardar o sentido desse espírito livre. A arte, da qual Goethe é o representante, não é o transe ou o êxtase, mas ocorre quando o belo obtém vitória sobre o monstruoso, é o delírio racional como diz o filósofo: “o



ISSN: 2175-5493

## IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

---

verdadeiro artista é aquele que delira racionalmente”. (Carta a Peter Gast, 20-03-1883). Esse delírio artístico precisa ser direcionado para que não haja ambigüidade entre arte e loucura, mas esse direcionamento deve ser de acordo com a própria vontade. O artista do “Grande Estilo” é aquele que joga com as aparências, ele cria um estilo, impõe sua produção a um paciente exercício. Ele faz da vontade sua arte, ao contrário do artista moderno que espera pela superstição do gênio. Para o filósofo alemão, ao artista cabe criar a partir de seus impulsos como forma de sublimação das energias vitais, ao mesmo tempo em que desconfia do entusiasmo cego.

Para Nietzsche, o homem perdeu sua coragem de agir quando se voltou exclusivamente para as coisas do espírito, supervalorizando o antinatural. No momento em que reconsidera a atividade fundamental de seus instintos - não como queria Rousseau, pois, segundo a interpretação nietzschiana, retornaríamos, desse modo, à idéia da pequena política da igualdade. O que o filósofo alemão está propondo é que o homem se liberta da submissão imediata às injunções morais. Nesse sentido, lê-se:

Rousseau, este primeiro homem moderno, idealista e canaille (canalha) em uma única pessoa; que tinha a necessidade da ‘dignidade moral, para preservar em seu próprio aspecto; doente de uma vaidade e de um autodesprezo desenfreados. Também este aborto, que se colocou em meio ao umbral do novo tempo, queria o ‘retorno à natureza’ – para onde, uma vez mais indago, Rousseau queria retornar? (NIETZSCHE. Crepúsculo dos Ídolos. “Incursões de um extemporâneo” § 48, 2006).

Para o autor do Crepúsculo dos ídolos, Rousseau é o representante da moral, assim como suas idéias de retorno à natureza humana, da qual a desigualdade de condições entre os homens não é natural, mas uma consequência da evolução social. Rousseau não podia imaginar, segundo o filósofo alemão, que

## IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

---

esse retorno à natureza seria a exacerbação dos instintos. Portanto, as ações do homem devem ser conduzidas a partir da força dos impulsos, por isso, insiste o filósofo, “não cometamos covardia em relação a nossos atos! Não os abandonemos depois de fazê-los! – É indecente o remorso” (Nietzsche, 2006: 10).

Nesse sentido, um novo tipo de homem não teria remorso algum em assumir o comando de si próprio e renunciar à possibilidade de ser guiado pelos deuses ou por alguma totalidade moralmente determinada. Resta ao artista tomar para si esse comando e esculpir os novos valores da humanidade, pois ele, na visão nietzschiana, é quem expressa seus impulsos acima dos valores morais. Com o entendimento do “Grande Estilo” e da “Grande Política”, somos conduzidos pela filosofia nietzschiana a perceber a possibilidade do projeto da transvaloração de todos os valores. A idéia de criação de novas tábuas de valores é uma preocupação do filósofo que fica evidente nos seus textos do derradeiro período em conjunto com os conceitos supracitados. Nesse sentido, o filósofo afirma:

Pois se a verdade entra em luta com a mentira de milênios, haveremos de ter abalos tremendos, uma convulsão de terremotos, uma transposição de montanhas e vales, conforme jamais sequer foi sonhada. O conceito política, então, estará completamente envolvido em uma guerra de espírito, todas as imagens de poder da velha sociedade explodirão no ar – todas elas descansam sobre a mentira: haverá guerras conforme jamais as houve sobre a terra. Só a partir de mim é que há na terra **grande política**. (NIETZSCHE, *Ecce homo*, “porque sou um destino”, § 1, 2003)

A guerra no entender do filósofo é a colisão de consciência, pois na transvaloração dos valores será preciso destruir os valores vigentes e isso causará grandes abalos. Contudo, no entender de Nietzsche, não basta ponderar sobre os valores antigos, mas sobre a própria procedência desses valores, pois o valor dos valores está diretamente ligado aos que os engendraram. Na seção “Dos mil e Um



ISSN: 2175-5493

## IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

---

alvos” de Assim falou Zaratustra, o autor nos esclarece que a criação de novos valores depende da avaliação dos próprios valores. Sem essa avaliação seria impossível determinar o valor dos valores e, conseqüentemente, o sentido e o alcance da transvaloração – afinal, criar também é avaliar. Eis o que nos fala o filósofo: “somente pelo estimar há valor: e sem o estimar a noz da existência seria oca” (Nietzsche, 1974: 241). É essa avaliação que constitui a base para a criação dos novos valores e o sentido da existência.

### REFERÊNCIAS

#### Primária

NIETZSCHE, Friedrich. **Obras incompletas**. “coleção os pensadores”. São Paulo: Abril Cultural, 1974.

\_\_\_\_\_. **Além do bem e do mal**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007a.

\_\_\_\_\_. **Genealogia da Moral**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

\_\_\_\_\_. **Crepúsculo dos Ídolos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

\_\_\_\_\_. **O Anticristo**. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2007b.

\_\_\_\_\_. **Ecce Homo**. Porto Alegre: LePM, 2003.

\_\_\_\_\_. A “Grande Política” Fragmentos. In: **Clássicos de Filosofia**: Cadernos de Tradução n. 3. IFCH/UNICAMP, 2005.

#### Secundária

BARROS, Fernando. **A Maldição Transvalorada**. “O problema da civilização em o anticristo de Nietzsche”. São Paulo: Discurso Editorial/Unijuí, 2002.

LEBRUN, Gérard. “Quem Era Dioniso?” In: **Kriterion**, Belo Horizonte: v. 26. pp. 39-66, 1985.

\_\_\_\_\_. “Além-do-homem e homem total”. In: **A Filosofia e sua história**. São Paulo: Casacnaify, pp. 169-198, 2006.

MARTON, Scarlett. **Das forças cósmicas aos valores humanos**. São Paulo: Brasiliense, 1990.